

## MORTALIDADE DE MULHERES NARRADO PELA MÍDIA IMPRESSA PARAENSE: IMPLICAÇÕES PARA A ENFERMAGEM

Andrey Ferreira da Silva<sup>1</sup>; Lidiane Xavier de Sena<sup>1</sup>; Valquíria Rodrigues Gomes<sup>2</sup>; Alessandra Carla Baia dos Santos<sup>3</sup>, Vera Lucia de Azevedo Lima<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Mestrando em Enfermagem; <sup>2</sup>Graduada em Enfermagem; <sup>3</sup>Mestre em Enfermagem; <sup>4</sup>Doutora em Enfermagem

silva.andrey1991@hotmail.com

Universidade Federal do Pará (UFPA)

**Introdução:** A violência nem sempre é apresentada de forma clara e visível pelo entendimento é considerada natural, mas com consequência indesejada passam despercebidas, emergindo certa dificuldade de descaracterizá-la como um evento natural. Em um panorama geral a violência emerge de lutas pelo poder, tendências dominantes sobre o outro e sobre seus bens, manifestações em conflitos de autoridade, estando sempre ligado a condutas humanas, construindo-se em processos biopsicossociais, dinâmicos e complexos que atinge os grupos, ou uma parcela social que não está em grupos gerenciais ou em etnias dominantes (BARRIENTOS, et al. 2011). Sabe-se que a violência ocupa posição de destaque no que diz respeito a discussões, devido sua elevada taxa de ocorrência a qual, mostra a importância de estudos e conhecimentos sobre a temática. Observa-se que a maior ocorrência de mortes vem a ser nas grandes metrópoles e não escolhe classe social, idade e cor, ela apenas acontece fazendo vítimas (COSTA; LUDERMIR; ALEVAR. 2007). Alguns tipos de violência, dependendo do contexto histórico e da forma como a mesma se apresenta, são abordadas de maneiras diferenciadas, haja vista que algumas vezes são ora toleradas e ora condenadas, em alguns casos a mesma pode até ser estimulada socialmente, como é o caso da violência cometida contra a mulher. A violência contra a mulher é um fenômeno global que afeta todas as culturas, status sociais, grupos étnicos e religiosos, sendo incidente em populações de diferentes níveis de desenvolvimento econômico e social, e aceito como uma situação habitual e até mesmo esperada. Esse fenômeno se desvela nas relações conjugais repercutindo não só na saúde da mulher, mas também na saúde da família, assim como na produtividade econômica do país relacionada a assistência a saúde e ao atendimento prestado pela justiça, entretanto, observa-se dificuldade no combate a violência por conta da mesma ser uma questão cultural e de gênero (GOMES; DINIS. 2008), por ser considerado um fator cultural, a violência, deve ser destacada na mídia, levando sempre em consideração seus avanços tecnológicos e informacionais. Entretanto, tais avanços transformam o espaço que antes era considerado publico em privado, tendendo a uma herança que influencia a sociedade, o que acaba por confundir os critérios de prioridade e de espaço. No contexto atual, a mídia se tornou o principal meio de difusão da informação, chegando à todos os cantos do mundo, tornando-se um difusor de visões de mundo, valores e imagens que perpassam o imaginário da sociedade, a mídia escrita veicula a temática principalmente nas páginas policiais, sendo essa a principal arma de denuncia desse fenômeno. A mortalidade por homicídio tende ao crescimento nas regiões urbanas, acometendo principalmente adolescentes e adultos jovens, estando lado a lado com os acidentes de trânsito em termos de morte por causas externas. A violência, dentro de um contexto mais amplo, é responsável por impactos que geram agravos à saúde que podem levar a morte, e pela elevação do número de casos, faz-se necessário o conhecimento desse fenômeno em termos epidemiológicos, visto que problemas antigos e novos ocorrem simultaneamente. **Objetivo:** Analisar a violência contra a mulher narrada pela mídia impressa paraense com desfecho em homicídios. **Descrição metodológica:** O estudo foi do tipo exploratório, de natureza quantitativa, foram consultados exemplares de um jornal O Liberal, publicadas nos anos 2001 a 2010, sobre a violência contra a mulher com desfecho em mortes, residentes no Estado do Pará. Para a coleta de dados foi aplicado um roteiro

sistematizado com as seguintes variáveis: Número de óbitos, idade, forma utilizada e número de óbitos por Municípios. A pesquisa foi realizada na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves. **Resultados:** Foram consultados 3.652 exemplares do jornal O Liberal, sobre a violência contra a mulher com desfecho em morte, sendo selecionadas 1.739 notas sobre violência contra a mulher ocorrida nesse período, foram excluídas 553 notas que narravam a violência fora do Estado do Pará e em outros países, restando 1.186 notas que narravam a violência no estado do Pará. Dessas, 902 foram excluídas por não apresentarem desfecho em morte e 38 por não trazerem a idade das vítimas, restando para análise 246 notas. A faixa etária de maior ocorrência de casos de homicídio foi entre 20 – 24 anos com 16,67%, a forma mais utilizada pelo homicida de mulheres foi a arma branca com 45,12%, o local de maior ocorrência de homicídios foi a residência com 59,35%, a capital do Estado do Pará, Belém, ocupou a primeira posição no número de homicídios com 34,55%. **Conclusão:** De 2001 a 2010 destacamos que 246 mulheres foram assassinadas no Estado do Pará revelando assim a necessidade de políticas públicas efetivas no controle e prevenção da violência. As notas revelam que as mulheres são vítimas de violência nos diversos níveis de crueldade com desfecho em morte, descrevendo o evento de maneira clara e sucinta, mostrando a magnitude e o impacto do problema para a sociedade e revelando a amplitude social. Implicações para a enfermagem: A enfermagem tem papel fundamental no combate a violência cometida contra a mulher, e no tratamento dessa mulher que vem a apresentar as suas Necessidades Humanas Básicas alteradas, para que não se chegue ao grau máximo que é a Morte.

**Descritores:** Violência, Violência Contra a Mulher, Homicídios, Enfermagem.

#### **Referências:**

BARRIENTAS, D. M. D; GONÇALVES. L; OLIVEIRA JUNIOR. M; EGRY. E, Y. Violência doméstica e enfermagem: da percepção do fenômeno à realidade cotidiana. **Av. Enferm**, **xxix** (2):343-362, 2011.

COSTA. I, G, R; LUDERMIR. A, B; ALEVAR, I. Violência contra adolescentes: Diferenciais segundo o tratamento de condições de vida e sexo. **Ciência & Saúde Coletiva**, 12 (5): 1193, 1200. 2007.

GOMES. N, P; DINIZ. M, M. Homens desvelando as formas de violência conjugal. **Acta paul. Enferm**: 21(2): 262-267, 2008.